

José Ronael Piccin*

Economia - Brasil



Vírus Selic ou R\$ 1,80 por dólar?

Contra o desequilíbrio, o remédio amargo de um choque na economia

Estamos, com certeza, rumando para o dólar a R\$ 2,00. Outra certeza é que centenas de empresas exportadoras estão e estarão abandonando o mercado externo, tentando compensar suas perdas no mercado interno. Inúmeros setores como têxtil, de calçados, móveis e outros lutaram por anos a fio para conseguir a confiança de clientes no mercado externo e agora são "obrigados" a abandoná-lo por terem rentabilidade negativa, prejuízos, ao trocar seus dólares, hoje por R\$ 2,11, amanhã por R\$ 2,00 e provavelmente em dois meses por R\$ 1,90 ou R\$ 1,80. Já aparece nas estatísticas oficiais que o número de empresas exportadoras ativas caiu de 18 mil para 16 mil. O saldo acumulado da balança comercial dos últimos 12 meses também apresenta forte queda. Cresce o desemprego advindo desses setores que param de exportar. Isso se traduz em um desequilíbrio muito prejudicial à economia brasileira.

As reportagens na imprensa nos últimos dias demonstram que empresas gigantes cancelam investimentos programados de milhões de dólares devido principalmente à incerteza com a evolução do câmbio. Outros gigantes suspenderam as atividades de dezenas de fábricas, preferindo transferi-las para outros lugares, como a Argentina, por apresentarem melhores condições de competitividade. Algumas continuam exportando matéria-prima em bruto como grãos e optam em cancelar as que passaram por processos industrializados, o que nos permite aduzir que continuaremos a ser exportadores de matérias-primas, perdendo terreno na capacidade industrial, um quadro provavelmente irreversível.

Muitos lamentam essa situação e exprimem o sentimento de que ainda não houve



uma proposta para estancar a valorização do real. Mas isso não é verdade. Infelizmente já há muito tempo conhece-se a solução que o nosso governo teimosamente se recusa a adotar. Doença ruim se soluciona com remédio amargo e, para tanto, necessitamos de um choque na economia. Seria a combinação de: 1) redução já da taxa Selic, não em 1% ou 2% comentado por aí, mas pelo menos 4 pontos percentuais, quem sabe em duas etapas seguidas, 2) drástica redução nos gastos públicos (custeio) e 3) desoneração das exportações em determinados setores.

O esforço feito nos últimos tempos para conter a inflação já surtiu seu efeito e indica claramente que a queda da taxa Selic já devia ter ocorrido muito mais rapidamente. Os preços administrados foram suficientemente aumentados no ano

passado e não ameaçam mais a inflação. Então, demoramos na queda da Selic. Com a atual estrondosa liquidez mundial, os mercados procuram as melhores rentabilidades que estão exatamente aqui no nosso país e para cá aportam valores enormes de dólares, na maioria capitais especulativos; e o real cada vez mais se valoriza artificialmente, ultrapassando os limites da racionalidade.

Uma idéia do disparate do valor do real: as empresas mencionadas acima, que fecharam suas fábricas, dizem que retornam as atividades quando o dólar voltar a R\$ 2,60. Vejam só! Doença holandesa? Sim, estamos vivendo uma variante inédita da doença holandesa. Em vez do vírus mercadoria (petróleo e gás), temos o vírus Selic.

A segunda etapa do choque na economia seria o corte drástico, corajoso e instantâneo dos

gastos públicos em custeio. O superávit primário continuaria, porém seria destinado a investimentos em infra-estrutura, usinas elétricas (o "apagão" vem aí?), portos, estradas, PPPs. Não seria mais necessário para cobrir os déficits de juros da dívida pública, pois a taxa Selic já teria caído. Entretanto, para conter os gastos públicos em custeio, é necessária vontade política, e só os grandes estadistas têm a coragem para empreendê-la.

Foi em muito boa hora a recentíssima decisão do governo em isentar os investimentos estrangeiros em títulos públicos, pois colocou o Banco Central em uma "sinuca de bico". A economia já está desequilibrada e, com a decisão, se não houver uma queda brusca da Selic, aí é que vamos ver o que é desequilíbrio — teremos R\$ 1,80 por dólar com certeza. Por sorte, o BC já está há algum tempo em posição confortável para reduzir os juros com os índices de inflação dentro das metas, talvez até abaixo. E, se os integrantes do Copom não cederem, pode haver distorções ainda maiores na economia e na produção nacional, levando o País à desindustrialização de fato.

O último ponto seriam reduções nas alíquotas do imposto de importação, pelo menos para os setores com menor grau de competição (evitando-se a enxurrada de produtos chineses ou indianos). Aumentam-se as importações e, conseqüentemente, a saída de dólares, amenizando o fluxo de caixa que tem derrubado a moeda.

Enfim, já estamos a caminho dos R\$ 2,00 por dólar, mas podemos fazer parar por aí e começar a reversão para chegarmos ao exato valor do real.

* Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac)